
SOB OS SIGNOS DA RUÍNA: MITO, MEMÓRIA E ESPAÇO EM *ÓRFÃOS DO ELDORADO*, DE MILTON HATOUM

Alex Bruno da Silva¹
Magali Nunes Machado²

Resumo: O presente artigo examina a relação entre mito, memória e espaço no romance *Órfãos do Eldorado*, publicado em 2008, pelo escritor Milton Hatoum. A narrativa de Hatoum resgata mitos e lendas indígenas, misturados a aspectos culturais da cidade de Manaus, usando, para tanto, a técnica do relato oral, típico da tradição literária oriental. Será observado que, no referido romance, a intertextualidade com o mito colonizador se constrói pelo viés da contestação dos valores, pois nem cidade nem personagem conseguem se constituírem sobre bases firmes, pois tudo parece móvel: o progresso da cidade e a identidade da personagem. Portanto, para refletir sobre a problemática da rememoração da vida do narrador Arminto, sempre perpassada pelo mito da cidade encantada, serão utilizados os pressupostos teórico-críticos de Mirceia Eliade (2002/2007), Ecléa Bosi (2003), Joel Candau (2016), Tânia Pellegrini (2007), Monfardini (2005), entre outros.

Palavras-chave: Mito. Cidade. Identidade. Narrativa brasileira contemporânea.

UNDER THE SIGNS OF RUIN: MYTH, MEMORY AND SPACE IN *ÓRFÃOS DO ELDORADO*, BY MILTON HATOUM

Abstract: This article examines the relationship between myth, memory and space in the novel *Órfãos do Eldorado*, published in 2008, by the writer Milton Hatoum. The narrative of Hatoum rescues indigenous myths and legends, mixed with cultural aspects of the city of Manaus, using, for that, the technique of oral reporting, typical of the Eastern literary tradition. It will be observed that in the novel, the intertextuality with the colonizing myth is built by the bias of the contestation of values, because neither city nor character can be built on firm bases, because everything seems mobile: the progress of the city and the identity of the character. In order to reflect on the problematic of the reminiscence of the life of the narrator Arminto, always pervaded by the myth of the enchanted city, the theoretical-critical assumptions of Mirceia Eliade (2002/2007), Ecléa Bosi (2003), Joel Candau (2016), Tânia Pellegrini (2007), Monfardini (2005), among others.

Keywords: Myth. City. Identity. Contemporary Brazilian Narrative.

¹ Docente da UEG – Universidade Estadual de Goiás (Câmpus São Luís de Montes Belos). Mestre em Letras e Linguística pela UFG – Universidade Federal de Goiás e doutorando pela mesma Universidade.

² Graduada em Letras pela UEG – Universidade Estadual de Goiás (Câmpus São Luís de Montes Belos)

Considerações iniciais

[...] a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimões das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.

Ítalo Calvino

No livro *As cidades invisíveis*, Ítalo Calvino (1990) pressupõe que cada cidade, por mais singular que seja, é construída pela perspectiva de quem a narra, a partir de experiências particulares. A cidade – como espaço geométrico construído – representa uma forma vazia que é preenchida por formas singulares e sensíveis. Calvino (1990) recupera o narrador viajante (Marco Polo), que a partir da experiência de suas viagens relata a Kublai Khan fragmentos subjetivos das cidades que percorreu. Kublai Khan, por sua vez, incorpora sua própria imaginação a partir daquilo que ouve para relatar sobre as cidades.

É, portanto, a memória o fio condutor para relatar sobre as cidades, buscando preencher os vazios da estrutura abstrata de cada uma. Quando Calvino (1990) relaciona cidade e memória é possível dizer que uma cidade pode ser lida de acordo com as suas sucessivas camadas de experiência, que vão acumulando, em sua memória, discursos que se interligam entre imagens inscritas nas lembranças e espaços físicos racionais – “jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve” (CALVINO, 1990, p. 59).

Assim como Marco Polo mobiliza, em suas viagens, os mecanismos da memória e elabora um relato particular das cidades percorridas, os narradores dos romances de Milton Hatoum constroem a cidade de Manaus, por uma ótica também própria, focalizada por aquele que é constituído pelo impasse de estar entre duas culturas: a árabe, repleta de aspectos da cultura oriental, e a manauara, imantada de mitos e lendas indígenas. O imaginário que emerge dos romances de Hatoum é mesclado de relatos da experiência e da memória de imigrantes orientais e da experiência dos nativos amazonenses.

Nesse sentido, a cidade de Manaus é o ponto de partida para que Hatoum desenvolva os dramas humanos, a decadência da cidade e das relações no núcleo

familiar, as transformações político-sociais no espaço, os deslocamentos dos estrangeiros e dos migrantes, os indígenas se misturando na cidade, remetendo a um tempo e a uma parte do Brasil aparentemente esquecidos.

O romancista é um dos principais nomes da literatura brasileira contemporânea. Descendente de libaneses, Hatoum nasceu em Manaus e tem-se destacado no universo literário por apresentar narrativas densas e inquietantes e várias personagens complexas. Autor de *Relato de um certo oriente* (1989), *Dois irmãos* (2000) e *Cinzas do Norte* (2005), o escritor utiliza a técnica da memória em romances que reproduzem a cultura e a história da região do Amazonas.

Órfãos do Eldorado, livro publicado em 2008, dá sequência à exploração ficcional do Norte brasileiro empreendida por Milton Hatoum desde *Relato de um certo oriente*. A narrativa apresenta um espaço impregnado de significados, associados aos signos da cidade mítica Eldorado. Mito, memória e identidade são elementos constitutivos dessa narrativa e que concatenados constroem, numa relação de espelhamento entre homem e espaço, uma significação relevante para compreender as questões de identidade e o imaginário urbano na contemporaneidade.

Herdeiro solitário e sem descendentes, o narrador personagem Arminto Cordovil conta a sua história a partir da tapera em que vive, contemplando o rio Amazonas durante as tardes vazias de ação, plenas de recordações. É por intermédio da visão das águas que o narrador revê, sobre diversos aspectos, seu envelhecimento, sua ruína, seu afastamento do mundo. A memória subjetiva desse narrador nos faz mergulhar em uma narrativa marcada por personagens (místicos) que transitam na busca de um lugar melhor para viver.

Alinhavados os pressupostos interpretativos que dão lastro às questões referentes à memória, ao mito e ao espaço no texto *Órfãos do Eldorado* (2012) de Milton Hatoum, este artigo analisa a seguir de que forma a narrativa de Hatoum questiona a função mitológica por meio da representação do espaço e da memória do narrador que, na configuração do romance, são representados sob os signos da ruína e da solidão.

1 Memórias de um mito: a busca por uma identidade

Ecléa Bosi (2003), em seu livro *Memória e Sociedade*, traça um estudo sobre o significado da memória na sociedade, apontando para o papel da memória na vida humana e os sentidos que tal recurso provoca em um texto. Sendo assim, a autora afirma que:

[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora (BOSI, 2003, p. 46-47).

O romance *Órfãos do Eldorado* é caracterizado, como já refletimos, por esse processo da memória, já que o narrador se utiliza desse recurso para chegar a um passado vivido por ele e pelas histórias que ouvia sobre lendas e mitos indígenas. Só depois da morte de quase todos que constituem ligação consigo, que Arminto consegue voltar no tempo, envolvendo, assim, o presente com o passado no intuito de procurar traços identitários e entender unidades perdidas durante sua trajetória no espaço da cidade de Manaus:

Rever o que foi apagado pela memória é uma felicidade. Tudo voltou: o sorriso, o olhar vivo no rosto anguloso, olhos mais puxados que os meus. Uma índia? Procurei a origem, nunca encontrei. Encontrei outra coisa, que só depende do acaso, de um único momento da vida. E percebi que era tarde demais para desfazer o destino (HATOUM, 2012, p. 31).

Segundo Jacques Le Goff (2003, p. 469, grifos do autor), em seu livro *História e memória*, “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia”. Nesse sentido, quando o narrador Arminto, de *Órfãos do Eldorado*, resgata seu passado, por meio da memória, ele busca uma continuidade de sua própria história. Narrar, para Arminto, é uma forma de (re)construir sua identidade. Por isso, a memória é, também, “um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p. 05).

Sendo assim, a identidade pode ser compreendida como um processo contínuo de construção individual e social, estabelecido pela alteridade. Joel Candau (2016), em *Memória e identidade*, analisa esses dois conceitos a partir de uma perspectiva social e cultural. A busca memorial é considerada, pelo estudioso, como uma resposta às identidades, pois a memória e a identidade se apoiam uma na outra para construir uma trajetória de vida:

De fato, memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente (CANDAU, 2016, p. 19).

Sob essa perspectiva, lembrar é muito mais do que trazer as lembranças do passado para o presente, trata-se de um movimento de autoconhecimento, de reflexão e redescoberta. Ao construir uma narração, por meio da memória, o sujeito mobiliza experiências e (re)constrói sua imagem: “Nesse sentido, todo aquele que recorda domestica o passado e, sobretudo, dele se apropria, incorpora e coloca sua marca em uma espécie de selo memorial que atua como significante da identidade” (CANDAU, 2016, p. 74).

Memória e identidade constituem-se a partir de um trabalho de reapropriação do passado e transformação do presente. Para Candau (2016), a memória é a identidade em ação, ela é o caminho no qual o sujeito encontra sua individualidade. Se a memória intervém na construção da identidade, a identidade também interfere no processo de lembrança – uma complementa a outra.

Nesse sentido, o romance *Órfãos do Eldorado*, inspirado no mito amazônico, torna-se parte da identidade de Arminto. Assim, evocando o passado e as lembranças, Arminto acaba misturando sonho e realidade, o que demonstra a impossibilidade de esquecer o que a memória armazenou, pois as cicatrizes deixadas revelam um “desejo de impor novidade, de romper estruturas, de instaurar a supremacia de um novo imaginário” (CARNEIRO, 2005, p.15).

O Eldorado, lugar imaginário, cidade situado em algum lugar entre o Amazonas e o Peru serve de pretexto para reverberar a lenda da Cidade Encantada, bem como para fazer emergir o tempo social no qual o tempo mítico submerge. O mito da cidade

encantada perpassa toda a narrativa e vai, paulatinamente, de acordo com o desenrolar dos fatos narrados, ruindo, empreendendo um questionamento do mito da cidade como algo eufórico e utópico. Logo no início do relato, o narrador apresenta a busca pela cidade encantada:

A voz da mulher atraiu tanta gente, que fugi de casa do meu professor e fui para a beira do Amazonas. Uma índia, uma das tapuias da cidade, falava e apontava o rio. Não lembro o desenho da pintura no rosto dela; a cor dos traços, sim: vermelha, sumo de urucum. Na tarde úmida, um arco-íris parecia uma serpente abraçando o céu e a água. Florita foi atrás de mim e começou a traduzir o que a mulher falava em língua indígena; traduzia umas frases e ficava em silêncio, desconfiada. Duidava das palavras que traduzia. Ou da voz. Dizia que tinha se afastado do marido porque ele vivia caçando e andando por aí, deixando-a sozinha na Aldeia. Até o dia em que foi atraída por um ser encantado. Agora ia morar com o amante, lá no fundo das águas. Queria viver num mundo melhor, sem tanto sofrimento, desgraça (HATOUM, 2012, p. 11).

A cena que Arminto presencia, assim como o mito traduzido pela voz de Florita, índia que o cria desde criança, ainda tomará dimensões maiores na narrativa, pois a paixão por Dinaura, órfã que reside no Colégio das Carmelitas, o levará mais uma vez ao encontro com o mito do Eldorado. Dinaura, em certo momento da narrativa, desaparece e os rumores espalhados na cidade é que a índia teria ido para a cidade encantada.

O mito é uma história ficcional que surgiu em tempos distantes desde a criação do mundo. Portanto, a partir das primeiras relações entre o homem e o espaço o mito teve a função de buscar o entendimento das coisas. Nesta perspectiva, o mito tem a função de explicar sobre a origem da vida e fazer parte da experiência cotidiana do ser humano como forma de entender o mundo.

Segundo Mircea Eliade (2002, p.13): “o mito lhe ensina as histórias primordiais que constituiriam existencialmente, e tudo o que se relaciona com sua existência e com o seu próprio modo de existir no cosmo o afeta diretamente”. Dessa forma, o homem aprende sobre o passado e sobre o que os seres fizeram, e, novamente, o sujeito poderá viver exatamente como foi no passado, buscando elementos e imagens congruentes do homem e do mundo. Neste contexto, o mito apresenta uma explicação de como as coisas começaram a existir, pois o homem tenta praticar todo o ritual como os seres

divinos fizeram no tempo primordial para, assim, alcançar as façanhas dos entes sobrenaturais. Por isso, é necessário observar que:

[...] o mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma ‘criação’: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos “primórdios”. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a ‘sobrenaturalidade’) de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e, algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do ‘sobrenatural’) no Mundo (ELIADE, 2007, p. 11).

Sob essa concepção, o mito não só explica a origem da vida como também faz parte do imaginário histórico e social dos sujeitos. O romance de Hatoum cria uma problemática em torno dessa função mitológica, já que, ao decorrer da narrativa o mito da cidade encantada, do lugar ideal é questionado. O que se tem é a desconstrução do lugar utópico para se viver. O narrador consegue identificar no seu presente algo que se associa ao seu passado, um passado (ou mito) de uma comunidade indígena com o qual a personagem se identifica; uma comunidade localizada em um espaço e tempo simbólicos, mas que será reconhecida por Arminto no seu presente como parte de sua história.

Para Adriana Monfardini (2005, p.50-61), o mito presta-se a dar resposta ao inexplicável. Desse modo, “a recorrência a narrativa mítica apresenta-se como uma forma alternativa de reflexão sobre, problemas insolúveis, revelando ao mesmo tempo a complexidade de vida humana e a inescrutabilidade de seu sentido”.

Logo, sendo a literatura a arte que fornece elementos para proporcionar que o mito torne uma narrativa sensível, a finalidade dessa narrativa é dar prazer e despertar um novo olhar sobre a realidade. Joseph Campbell (1990, p. 16), ao refletir sobre a função do mito, afirma que: “aquilo que os seres humanos têm em comum se revela nos mitos. Mitos são histórias de nossa busca da verdade, de sentidos, de significação, através dos tempos”. O texto literário, ao adotar um movimento estético e histórico, por meio do mito, estabelece uma relação consciente que retoma a tradição e a função das

narrativas fantásticas. Para Benedito Nunes (2007), desde o século XIX o romance brasileiro tem resgatado o sentido mitológico para ressignificar sentidos e apontar outro olhar para a história oficial. O mito é uma profunda e depurada composição de uma produção artística que tange o cerne de fatos inusitados, capaz de criar sentidos especiais, pois “afinal, o que é o mito senão uma história contada ou um conto narrado?” (NUNES, 2007, p. 209).

Diante desta argumentação, o crítico reflete que a literatura modernista e contemporânea tem galgado por espaços múltiplos com uma articulação de diferentes discursos. Neste contexto, a interação mútua entre tais campos do conhecimento se mesclam: “Modernamente, a literatura também descobriu-se mitogênica: e com isso descobriu as suas próprias raízes no mito, tratando com muita liberalidade, como fez Goethe, misturando, no primeiro e sobretudo no segundo Fausto, entidades pagãs e cristãs” (NUNES, 2007, p. 210).

Assim, podemos dizer que o narrador Arminto, de *Órfãos do Eldorado*, ao rememorar o passado, coloca em destaque o mito do Eldorado, demonstrando que a cidade utópica sempre esteve presente em sua vida: “A cidade encantada era uma lenda antiga, a mesma que eu tinha escutado na infância. Surgia na mente de quase todo mundo, como se a felicidade e a justiça estivessem escondidas num lugar encantado” (HATOUM, 2012, p. 64).

2 Eldorado: a ressignificação do mito na contemporaneidade

O percurso da cidade de Manaus, em *Órfãos do Eldorado* e nos romances anteriores, está imbricado às questões da modernidade tardia, problematizando os rumos e as experiências da ideia moderna de progresso. Se nos três primeiros romances a memória resgata a cidade de Manaus sob os signos da euforia e da ruína, em *Órfãos do Eldorado* a imagem da cidade, a partir dos sonhos não realizados, se confirma na negação da versão original do mito do Eldorado – a cidade encantada, utópica e acolhedora. A pesquisadora Sylvia Telarolli (2010, p. 28), em um artigo publicado na revista FIKR, sobre os romances de Hatoum, afirma que se o Eldorado seria o espaço do novo mundo, do aconchego e da harmonia, no romance de Hatoum o Eldorado “carrega

o peso da ruína, da perda, da degradação”. Portanto, a derrocada da vida do narrador Arminto está entrelaçada com o espaço da cidade evocado no romance.

Sob a perspectiva da representação espacial, a cidade de Manaus e o espaço de Vila Bela, cidade natal de Arminto, localizada no interior do Amazonas, são os principais espaços que o narrador resgata da memória para compor sua história junto à história de sua família. O tema da cidade é frequentemente visitado pela literatura e esse espaço aparece mais como metáfora do que como lugar físico. O Modernismo, por exemplo, é uma arte especificamente urbana, em parte “é porque o artista moderno, tal como seus semelhantes, foi capturado pelo espírito da cidade moderna, que em si é o espírito de uma sociedade tecnológica moderna” (Bradbury; McFarlane, 1999, p. 77).

Com os avanços da modernidade o espaço da cidade ganhou um valor importante para os poetas, que representaram em várias obras a cidade como o lugar ideal para se viver. A euforia da industrialização e os sonhos de modernidade criaram o imaginário do lugar onde fosse possível viver de forma plena. Esse aspecto de fascínio em relação à cidade aparece nas palavras do narrador Arminto, que resgata da memória os tempos de mudanças e o sonho da modernidade que agitava Manaus:

Antes de morar na Saturno, fui duas ou três vezes de férias para Manaus. Não queria voltar para Vila Bela. Era uma viagem no tempo, um século de atraso. Manaus tinha tudo: luz elétrica, telefone, jornais, cinemas, teatros, ópera. Amando só dava o trocado para o bonde. Florita me levava ao porto flutuante e ao aviário da praça da Matriz, depois andávamos pela cidade, víamos os cartazes dos filmes do Alcazar... (HATOUM, 2012, p. 17-18).

O conflito das regiões interioranas com a modernização que dirigem capitais e portos é tema da narrativa e caminha lado a lado com a derrocada da vida do narrador Armindo. Nem o espaço nem a identidade da personagem se constituem sobre bases firmes. Armindo revolta-se contra o pai e contra tudo o que esta existência representou para a região. Ao ir morar em Manaus, o narrador passa a conhecer a cidade pelo olhar de quem vive a cidade, o olhar como praticante do espaço urbano:

Fui morar no alto da mercearia Cosmopolita, na rua Marquês de Santa Cruz. [...] Na Cosmopolita conheci a cidade. O coração e os olhos de Manaus estão nos portos e na beira do Negro. A grande área portuária fervilhava de comerciantes, peixeiros, carvoeiros, carregadores, marreteiros (HATOUM, 2012, p. 19).

Como praticante da cidade, o narrador começa a trabalhar no embarque e desembarque dos passageiros no porto, fazendo amizades com comandantes e observando os estrangeiros fascinados com o passeio no centro da cidade: “loucos para conhecer o teatro Amazonas, não entendiam como podia existir um colosso de arquitetura na selva” (HATOUM, 2012, p. 21). A vida na cidade flutuante é agitada e após uma noitada num cabaré, sentado no cais, Armindo vê, pela primeira vez, o cargueiro alemão com as palavras pintadas na proa: Eldorado. A figura do barco nas águas do rio funciona como metáfora do mito da cidade encantada no fundo do rio.

A euforia da modernização e o encanto pela cidade, logo passam a dar lugar às ruínas e a decadência do espaço e da vida do narrador. A crítica Rejane Cristina Rocha (2009, p.4) afirma que questionar “a representação da cidade moderna pela literatura contemporânea é, de fato, observar de que forma o espaço urbano de hoje fornece temas e motiva formas para a literatura de hoje”. Assim, o espaço da cidade, na contemporaneidade, subverte a representação utópica dos poetas modernistas.

Aos poucos a cidade se transforma, o narrador relembra que “alguma coisa perturbou a cidade. O movimento portuário diminuiu. Não era a guerra na Europa, a Primeira Guerra. Ainda não. Eu via as pessoas irritadas, revoltadas. Tudo parecia um absurdo e violento. Em pouco tempo o humor de Manaus se alterou” (HATOUM, 2012, p. 23). Tânia Pellegrini (2007) afirma que nas tramas do escritor o tema da história brasileira aparece de forma exemplar e, assim, o “processo de modernização do país, com ecos específicos na Região Norte, que talvez mais do que em outros lugares, revela com crueza as marcas da convivência de progresso e atraso, de avanço e estagnação, de permanência e mudança” (PELLEGRINI, 2007, p. 100).

Após a morte do pai, o narrador conhece Dinaura e se apaixona pela índia órfã. É, então, que a narrativa é marcada pela constante luta do narrador para viver seu amor com Dinaura: “Quando Estiliano me ouviu falar de Dinaura, desdenhou: Essa é boa, um Cordovil embeijado por uma mulher que veio do mato. E Florita, sem conhecer a órfã, disse que o olhar dela era só feitiço: parecia uma dessas loucas que sonham em viver no fundo do rio” (HATOUM, 2012, p. 31).

O amor por Dinaura leva o narrador Arminto a abandonar Manaus e os negócios da família. Arminto com muito esforço começa a encontrar com a índia na praça de Vila

Bela e após a primeira noite de amor a órfã desaparece. A derrocada do narrador vai sendo apresentada concomitantemente com o declínio de Manaus:

Podia ser uma insensatez, não um capricho. Eu vivia entre esse idílio e as viagens para Manaus. O idílio venceu. E a vida mundana morreu com a euforia de uma época. Como tudo muda em pouco tempo. Uns anos antes da morte do meu pai, as pessoas só falavam em crescimento. Manaus, a exportação de borracha, o emprego, o comércio, o turismo, tudo crescia. Até a prostituição. [...] Nos bares e restaurantes as notícias dos jornais de Belém e Manaus eram repetidas com alarme: Se não plantarmos sementes de seringueira, vamos desaparecer...Tanta ladroagem na política, e ainda aumentam os impostos (HATOUM, 2012, p. 33).

Manaus – a cidade ilhada pelo rio e pela floresta – com o fim da borracha precisou adaptar-se como foi possível pelas novas circunstâncias do capitalismo. Arminto Cordovil, com a morte do pai e o desaparecimento de Dinaura, passou a conviver com a solidão e a vontade de encontrar a índia. Os sonhos do narrador eram marcados pela imagem da índia órfã e a história que ouviu desde criança da tapuia que foi morar numa cidade encantada, no fundo do rio.

A falência não chega apenas para o espaço da cidade, mas também para Arminto que se vê obrigado a vender todas as propriedades da família. Com o naufrágio do *Eldorado*, cargueiro alemão, adquirido por Amando seu pai, a vida de Arminto passa a naufragar. O dinheiro que consegue com a venda das propriedades herdadas, ele gasta pagando barqueiros na procura de Dinaura. A procura pela índia faz com que o mito da cidade encantada se espalhe por toda região:

Então esperei Ulisses Tupi, famoso por encontrar saída nos labirintos dos nossos rios. Chegou de surpresa, barba crescida que escondia os olhos. Parecia outro. Jurou que Dinaura estava viva, mas não no nosso mundo. Morava na cidade encantada, com regalias de rainha, mas era uma mulher infeliz. Ele ouviu isso nas palafitas, de beira de rio, nas freguesias mais distantes; ouviu de caboclos solitários, que vivem com suas sombras e visões. Dinaura foi atraída por um ser encantado, diziam. Era cativa de um desses bichos terríveis que atraem mulheres para o fundo das águas. E descreviam o lugar onde ela morava: uma cidade que brilhava de tanto ouro e luz, com ruas e praças bonitas. A cidade encantada era uma lenda antiga, a mesma que eu tinha escutado na infância (HATOUM, 2012, p. 64).

A busca por Dinaura é uma forma de Arminto fugir das lembranças do pai e de todas as coisas que o ligam às suas origens. Com a decadência financeira e ao se desfazer da casa onde cresceu e de todos os bens, o narrador não deseja pertencer ao espaço da cidade natal e procura esquecer todos os lugares que criam laços de

identidade. A negação à sua história e ao passado reforça o sentimento de não querer pertencer a lugar algum.

Stuart Hall (2006, p. 85, grifo do autor), afirma que “cada identidade, portanto, é *radicalmente insuficiente* em termos de seus outros”. Isso demonstra uma mobilidade em relação ao sujeito, pois para se constituir enquanto ser social a identidade agora se perpetua no outro, na relação com os espaços em trânsito. O narrador passa a sonhar com outros espaços e não consegue estabelecer uma identidade sólida, uma vez que as lembranças que emanam de sua memória são lembranças de uma vida que não deu certo. Arminto nega suas origens e busca por um amor misterioso. Com a morte de Florita, o narrador confirma ser insuficiente o laço familiar para definir sua identidade:

Florita morreu assim de repente, que nem Amando. Foi velada na capela do Carmo, em respeito ao meu pai. Chorei que só diante do jazigo da família. O último choro da minha vida. A morte de Florita rompeu os laços com o passado. Eu, sozinho, era o passado e o presente dos Cordovil. E não queria futuro para homens da minha laia. Tudo vai acabar neste corpo de velho (HATOUM, 2012, p. 94).

Velho e solitário, Arminto se depara com revelações e mistérios que o tempo não conseguiu responder. Estiliano, amigo que cuidava dos negócios da família, revela que Amando antes de morrer disse que sustentava uma moça órfã:

Depois disse que não era só caridade. E me pediu que não contasse para ninguém. Não me disse se era filha ou amante... Tinha idade para ser as duas coisas. No começo pensei que fosse filha dele, depois mudei de ideia. E sempre fiquei na dúvida... Ele trouxe a moça para cá, disse para madre Caminal que era uma afilhada dele e que devia morar com as carmelitas. Pediu que a diretora guardasse esse segredo. Sei que Dinaura morava sozinha numa casa de madeira que Amando construiu atrás da igreja. Vivía com regalias, comida boa, e eu mandava livros, porque ela gostava de ler. Foi um erro de Amando. Um erro moral. Mas ele queria morar aqui e ficar perto dela. Dinaura... Minha irmã?, eu disse, engasgado (HATOUM, 2012, p. 98).

Estiliano continua a revelação e diz que Dinaura escreveu uma carta, dizendo que foi morar em uma ilha perto de Manaus, chamada de Eldorado. Arminto segue todas as instruções do amigo e viaja para a ilha, ao chegar, após longa caminhada, avista o lago do Eldorado:

A água preta, quase azulada. E a superfície lisa e quieta como um espelho deitado na noite. Não havia beleza igual. Poucas casas de madeira entre a margem e a floresta. Nenhuma voz. Os sons dos pássaros só aumentavam o

silêncio. Numa casa com teto de palha pensei ter visto um rosto. Bati à porta, e nada. Entrei e vasculhei os dois cômodos separados por um tabique da minha altura. Um volume escuro tremia num canto. Fui até lá, me agachei e vi um ninho de baratas-cascudas. Senti um abafamento; o cheiro e o asco dos insetos me deram um suadouro. Lá fora a imensidão do lago e da floresta. E silêncio. Aquele lugar tão bonito, o Eldorado, era habitado pela solidão (HATOUM, 2012, p. 102).

No fim do povoado o narrador se depara com uma casa e encontra uma menina que afirma morar com a mãe. Ao perguntar onde estão outros moradores, a menina diz que todos morreram. Novamente Arminto pergunta se a menina conhecia uma mulher chamada Dinaura, ela recua, junta as mãos, como se rezasse, e vira a cabeça para o interior da casa. Logo depois o narrador afirma: “Voltei pra Vila Bela e fiquei escondido aqui, mas estava muito mais vivo. Ninguém quis ouvir essa história. Aí tu entraste para descansar na sombra do jatobá, pediste água e tiveste paciência para ouvir um velho” (HATOUM, 2012, p. 103).

A narrativa inicia e termina evocando o mito da cidade encantada. Arminto, ao chegar ao Eldorado, se depara com um espaço lindo, porém solitário e triste. Esse desfecho corrobora com o questionamento do sentido mítico no mundo contemporâneo, a cidade encantada não se configura como reconfortante e redentora. O narrador ao se deparar com a solidão retorna para a cidade natal e se isola num casebre pequeno, onde passa a contar sua história e a história do Eldorado para todos que param para ouvir.

Considerações finais

As histórias relatadas pelo narrador de *Órfãos do Eldorado*, estruturadas pelo elemento mítico, chamam a atenção para a representação da cidade na contemporaneidade. Manaus está em ruínas, a vida do narrador está em ruínas e, é por meio da memória, que Arminto tenta compor uma identidade. A cidade é vista a partir dos signos da derrota e da solidão. O narrador constrói, em seu relato, um espaço repleto de derrocadas e, com isso, o mito da busca por um lugar ideal é revisitado e ressignificado na narrativa.

Foi possível refletir, a partir dessa temática, que o sentido utópico da cidade é questionado no romance contemporâneo, apontando um sentido distópico em relação ao futuro. O narrador Arminto não constrói uma narrativa totalizadora, mas sim um relato subjetivo marcado pela dor e a tristeza. O romance reflete o sujeito contemporâneo sem

ideais utópicos, problematizando o sentido do mito como elemento narrativo que explica e compreende o mundo.

O estudo sobre o mito da cidade encantada contribuiu para a reflexão entre a memória e a identidade do narrador, que revela questionamentos sobre as situações humanas vividas no contexto contemporâneo. O narrador, em condição decadente, com a impossibilidade de encontrar a felicidade, reflete o sentido da busca de uma identidade em tempos contemporâneos.

Por fim, ao refletir sobre o mito do Eldorado, foi possível observar que o romance coloca em evidência as incongruências do homem contemporâneo que, em busca de um lugar ideal, se vê diante da solidão e da ruína. A relação entre o sujeito e o espaço é marcada pela instabilidade e pela necessidade de buscar um lugar “outro”. O sentido utópico, fortemente presente na modernidade, em relação à cidade, aparece no romance de Hatoum como um espaço distópico, ou seja, a cidade não é mais acolhedora, mas sim a expressão máxima da solidão.

Referências

- BOSI, Ecléia. **Memória e sociedade**: Lembranças dos velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- BRADBURY, M.; McFARLANE, J. (Orgs.). **Modernismo**: guia geral. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAMPBELL, J. **O Poder do mito**. Tradução de Carlos Felipe Moisés, São Paulo: Editora Palas Athena, 1990.
- CANDAU, J. **Memória e identidade**. Trad. Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016.
- CARNEIRO, F. **No país do presente**: ficção brasileira no início do século XXI. Rio de Janeiro: Rocco, 2005.
- ELIADE, M. **Mito e realidade**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- _____. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HATOUM, M. **Órfãos do Eldorado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

LE GOFF, J. **História e memória**. Trad. Irene Ferreira; Bernardo Leitão; Suzana Ferreira Borges. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

MONFARDINI, A. **Mito e literatura**. Terra roxa e outras terras -Revista de Estudos Literários. Volume 05, 2005, p.50-61.

NUNES, B. Volta ao Mito na ficção brasileira. In: CRISTO, M. da Luz P. de (Org.). **Arquitetura da memória**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas/UNINORTE, 2007, p. 207-218.

PELLEGRINI, T. Milton Hatoum e o regionalismo revisitado. In: CRISTO, M. da Luz P. de (Org.). **Arquitetura da memória**. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas/ UNINORTE, 2007, p. 98-118.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro: Ed UFRJ, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

ROCHA, R. C. Arquitetura dos contrastes: uma leitura de Eles eram muitos cavalos. In: CAMARGO, F. P; CARDOSO, J. B.(Orgs). **Percursos da narrativa brasileira contemporânea**. João Pessoa: UFPB, 2009.

TELAROLLI, S. Memória e identidade nos romances de Milton Hatoum. In: **Revista FIKR**, v. 2, p. 16-34, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/124928>>. Acesso em: Junho de 2017.